APFH
6ª Semana da APFH – 16º Simpósio Nacional
20-23 de Novembro de 2013

Prescrição de antimicrobianos no Serviço de Urgência do Hospital de Braga

Castro, Graça[1]; Gomes[2], Catarina[2]; Vaz, Águeda[2]

Hospital de Braga (PPP JMS)

[1]. Direção de Farmácia; [2]. Farmacêutica

Introdução: Por condicionalismos próprios do nosso Serviço Nacional de Saúde, os Serviços de Urgência Hospitalares portugueses atendem paralelamente doentes agudos a necessitar de cuidados imediatos, e um grupo de doentes crónicos, subagudos e agudos, cuja gravidade seria perfeitamente compatível com o atendimento nos Centros de Saúde e similares, se estes tivessem uma acessibilidade e celeridade de atendimento adequados, o que infelizmente não se constituiu ainda como regra.
Assim, num Serviço de Urgência Polivalente como o do Hospital de Braga, que integra a Urgência Geral, a Urgência Pediátrica e a Urgência de Ginecologia/ Obstetrícia, o atendimento cobre um leque imenso de situações clínicas com gravidade muito variável, espelhando a variedade de doenças, sobretudo agudas, que assolam a sua região geográfica, em cada época do ano. Assim, os padrões da prescrição de tratamentos na Urgência refletem o conjunto de prescrições globais da região e da época do ano.
Neste trabalho, pretendeu-se averiguar quais os agentes antimicrobianos mais prescritos, à luz das situações clínicas em que se veem empregando, da caracterização dos respetivos doentes.

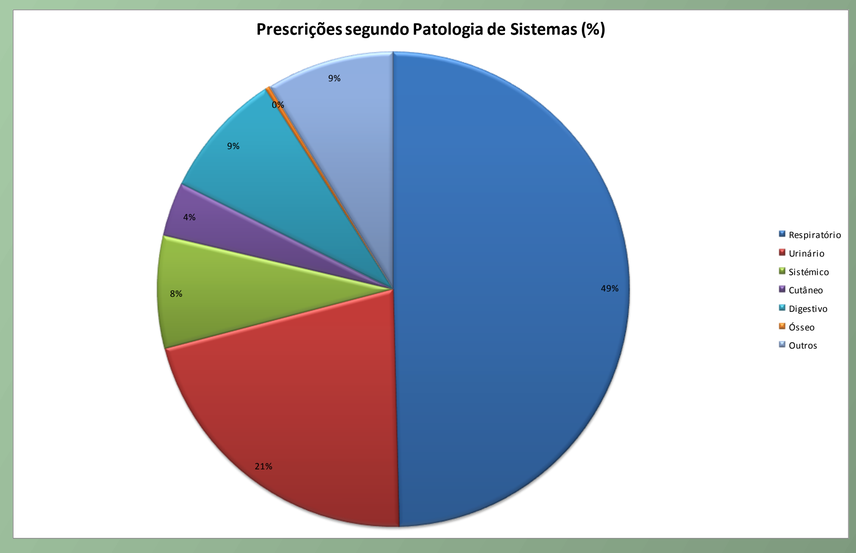
Objetivo: Identificação das práticas de prescrição de antimicrobianos no Serviço de Urgência do Hospital de Braga.

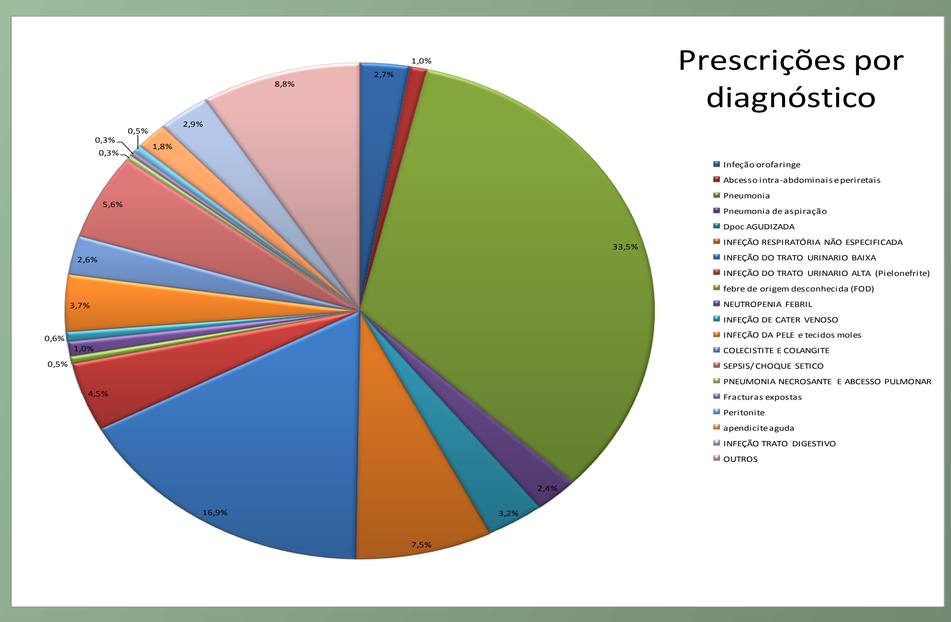
Métodos: Pesquisa observacional, retrospetiva, em abordagem quantitativa, do número de antimicrobianos prescritos, principais diagnósticos, média de idades e sexo dos doentes.

Resultados: Este estudo analisou os registos de 627 utentes tratados com antimicrobianos no Serviço de Urgência do Hospital de Braga, no período de Maio de 2013 a Agosto de 2013. A média de idades deste grupo de utentes foi de 72,7 anos. Dos quais 50.5% são indivíduos do sexo masculino e 49.5% do sexo feminino.
Da amostra em causa só em 1,5% dos casos a antibioterapia foi precedida de antibiograma. As patologias mais frequentes foram do sistema respiratório (49%), dos quais a pneumonia associada a cuidados de saúde e a adquirida na comunidade foram a mais prevalentes (33.5%).
O segundo grupo de patologias mais frequentes foi do sistema urinário (21%) sendo a infeção do trato urinário inferior (16.9%) a mais prevalente.
Os antimicrobianos mais utilizados nesta amostra foram:

- Ceftriaxone (31.6%)
- Amoxicilina +Ácido Clavulâmico1,2g (13.6%)
- Piperacilina+Tazobactam 4.5g (12.6%)
- Amoxiciclina+Ácido Clavulâmico 2.2g e Claritromicina (ambas com 12.4%)

Os médicos prescreveram a Amoxicilina +Ácido Clavulâmico 1.2g para tratamento de pneumonia (36.5%) e infeções do trato urinário (30.6%). A Piperacilina + Tazobactam para tratamento da pneumonia (29.1%) e colecistite e colangite (17.7%).
A Claritromicina foi utilizada em Pneumonia (88.8%) e em Infeções do trato urinário baixo (7.7%). Por ultimo, Amoxicilina +Ácido Clavulâmico 2.2g para tratamento da Pneumonia (21.8%), na Pneumonia de aspiração (15.4%) e em infeções do trato urinário baixo (15.4%).





Discussão e Conclusões: Sendo o aparecimento de resistências aos antimicrobianos uma realidade cada vez mais evidente, é urgente que os serviços médicos, incluindo os hospitalares, impeçam a todo o custo a prescrição anárquica destes medicamentos, que se arrisca sempre a criar, na comunidade, situações de resistência incontornáveis. O Serviço de Urgência Hospitalar, primariamente devotado ao tratamento de situações urgentes e emergentes, mas que acaba por aglomerar num espaço limitado um grande número de doentes, muitos dos quais são portadores de infeções graves e facilmente transmissíveis, misturados com muitos pacientes cuja doença de base ou o seu tratamento provocou deficiências significativas no seu sistema imunitário, transformam-se facilmente num palco de propagação e desenvolvimento de infeções cada vez mais graves, por agentes cada vez mais resistentes ao arsenal terapêutico habitualmente disponível. Assim, como o uso de antimicrobianos a nível hospitalar é uma prática muito frequente e como o aparecimento de resistência a antimicrobianos é uma realidade cada vez mais preocupante, devem-se selecionar criteriosamente esquemas de prescrição terapêutica que previnam esta situação.
De facto, constatamos com este trabalho que, no serviço de Urgência, o uso de antimicrobianos nem sempre se coaduna com os diagnósticos apresentados e que com certa frequência o antimicrobiano utilizado não é o mais adequado para o diagnóstico em causa. No entanto, na maioria das situações verificamos um bom uso desta classe de medicamentos. No entanto, existem alguns protocolos que devem ser melhorados. No tratamento da pneumonia existe um protocolo que preconiza a utilização de um macrólido em associação com um β-Lactâmico mas não especifica qual, nem qual a dose que deve ser utilizada. Como pudemos constatar os médicos prescreveram 36.5% Amoxicilina+Ácido Clavulâmico 1.2g para tratamento de pneumonia e 21.8% Amoxicilina +Ácido Clavulâmico 2.2g sem nenhum critério aparente que justificasse a utilização da dose mais elevada deste β-Lactâmico. Em relação às infeções do trato urinário, que justificaram 21% das prescrições de antimicrobianos,o antibiótico de eleição foi o Ceftriaxone e em segundo foi a Ciprofloxacina o que se justifica tendo como base os últimos testes de sensibilidade antibiótica realizados no Hospital de Braga, em que 72.7% estripes de *Escherichia coli* são sensíveis à Ciprofloxacina e 89.5% são sensíveis ao Ceftriaxone.
Os resultados deste trabalho foram comunicados à equipa do Serviço de Urgência do Hospital de Braga, o que gerou um contributo positivo, já que foi dada a possibilidade de reflexão, com base em dados, sobre a política de antimicrobianos neste serviço. A taxa de justificações de antimicrobianos embora obrigatória ainda não atingiu os objetivos inicialmente propostos, que seriam número de antimicrobianos repostos iguais ao número de justificações de extra-formulários. Este trabalho constitui um ponto de partida para uma revisão dos protocolos de antimicrobianos no serviço de urgência.

Bibliografia: Mensa, Josep, et al. – **GUÍA DE TERAPÉUTICA ANTIMICROBIANA**. Barcelona: Antares, 2012. 978-84-88825-09-4. Cap. 3